

Jazz/Crítica

Milton, uma decepção na noite de Raul e Duke



Milton Erwin a piano, que tinha vibrado com George Duke e sua banda.

JOAO CARLOS COELHO

Não existe receita para uma boa Jam session. Pela própria ausência total de regras, essa experimentação coletiva de músicos que nunca tocaram juntos pode desembocar em música excelente ou caos completo. Assim se explicou a frustrada tentativa de Jam session no final da quarta noite do Festival Internacional de Jazz de São Paulo, embora todos demonstrassem bastante garra e vontade, o fato é que faltou um líder natural que a conduzisse — exatamente como Mill Jackson fez na noite anterior.

Assim, de nada adiantaram os esforços organizadores de Raul de Souza e Milton Nascimento. A banda, naquela altura, se constituía de José Roberto, Wagner Tiso e George Duke (todos nos teclados), Toninho Horta (guitarra), Novelli (baixo), Mamão e Jim Capaldi (bateria) alemão Danilo Caymmi (flauta) e Frank Rosolino. E o que se viu foi o caos: ninguém se entendeu, Raulzinho quis por ordem na casa e abusou dos solos, Rosolino esforçou-se para ouvir o baixo colado em Novelli, para soprar algo, etc. etc. Isoladamente, porém, os conjuntos de Raulzinho, George Duke e Milton compuseram o show mais tremido deste Festival.

Talvez a culpa final pudesse ter mudado radicalmente, pois parece que houve erro de previsão quanto à ordem de entrada dos músicos. Sem desmerecer nunca a importância e significação de Milton, o show deveria ter começado com ele, esquentado — em termos de aumento de decibéis — com Raulzinho, e explodido com George Duke.

Como esta não foi a sequência real, criou-se uma espécie de anticlimax o público, já aplaudindo de pé as últimas performances dos trombones, dançou para valer no estufante espetáculo de Duke e seus comandados e quando Milton entrou, houve um resfriamento na temperatura ambiente.

Altd, o próprio Milton começou num pique altíssimo, exibindo-se muito descontraído, para aos poucos decair, em estado de espírito. Não custa contar que os portões do Altdardi foram abertos no intervalo que antecedeu sua entrada. E alguns cal cularam em mais de 4.000 pessoas o número de presentes ao Palácio das Convenções, os menores espaços tomados, e se fez um silêncio absolutamente respeso diante da arte e da voz, originalíssimas de Milton. O conjunto que o acompanhava revezou de certo modo, o Mo's Imaginário de outros tempos, com Wagner Tiso, Toninho Horta, Novelli, Roberthino Silva, acrescidos de José Roberto, Bertrams, Dani Caymmi e Mamão — embora os músicos sejam todos de primíssima linha, o seu global acabou doando um pouco a desfeira.

O clima de festa total aconteceu mesmo com o grupo de George Duke — um tecladista que já tocou com muita gente boa do Jazz e também com o Mothers of Invention de Frank Zappa, além de Airto e Flora Purin. Sua participação foi metulosa mente planejada — até um crioulo se encarregou de anunciá-lo bem ao estilo americano, repetindo a palavra Duke de menos umas cinco vezes. A pararamônia de sintetizadores, órgão e piano elétricos por ele utilizados com muita competência bastariam para justificar sua presença, mas por exemplo, no longo blues que atacou sozinho.

O público se incendiou, entretanto, com o repertório de seu som: uma percussionista, bateria, baixo, guitarra, dois cantores e um cantor (com 99% de crioulo). O resultado foi devastador, pelo menos no gênero. Muita conversa com sua pláida, ritmos delirantes, e inclusive um magnífico proviso da percussionista nas tamboradas.

Sua música atual opera uma mistura perfeita de jazz, blues, rock, completados por uma mise-en-scène realmente impres-

Im novo cinema quer nascer em Salvador

JAIRO FERREIRA
Enviado especial

Salvador desde os primeiros dias deste 7.ª Jornada do Cinema, que termina hoje aqui em Salvador, alguma coisa pairava no ar e ninguém sabia o que era. Os racionalistas, evidentemente, fizeram tudo para descartar essa situação, apontando-se numa velha argumentação discursiva que já não explica mais nada. Tendo a inteligência e a informação de primeiro grau, procuraram marginalizar o cinema de invenção, executando o que chamo de vício rasante na cultura, ou seja, tentando canalizar tudo e todos em função de uma questão irritante, óbvia, redundante e já insuportável: a discussão em torno da conquista do mercado para o cinema brasileiro. Felizmente, essa base local foi ofuscada pelo chamado astral baiano, e, daí para a frente, se quiserem continuar falando em mercado terão que discutir realidade com os olhos, por que esta jornada do povo assinou definitivamente a falência da velha ótica.

Panfletos de efeito subliminar e de humor exemplar começaram a ser distribuídos durante os debates durante a exibição dos filmes e durante os simpósios de retórica intragável. O primeiro panfleto dizia: "O megalomaníaco neo-cinema novo está passando para os anos da história. Segure o seu". O segundo panfleto era mais explícito, mas também não foi levado a sério: "Atentados, canceiros, fanáticos, intelectuais, prostitutas, estelões, psiquiatras, esquizofrênicos, parafrenias, paranoias, cinefílos, parabalistas, pilhichos, comedores de vidro, ninfas, masoquistas, mias, breques, modernistas, mazelados, cultores, bratros, cineastas, imbecis em geral, historiadores e antropólogos de 1.ª categoria, o megalomaníaco neo-cinema novo não vai emergir!!!".

chua violenta refrescou a cidade. O astral estava mudando: a chuva fez com que pessoas ficassem mais abertas para as outras, as energias se concentraram e uma espécie de círculo mágico ficou perfeitamente delineado. A sala de exibição nunca esteve tão cheia. O diretor da Jornada, Guido Araújo, foi muito feliz em deixar o melhor filme do último dia e minutos antes da exibição de "Atualidade da Terra", um filme alegre e curioso invadido a sala: um ano sem os dois braços, montado em enormes pernas de pau anudadas pelo megafone que o neo-cinema novíssimo estava emergindo, dezenas de meninas pulavam e cantavam festivamente e o espetáculo crense e "happening" tomaram conta da sala e envolveram todos num clima de alegria rara.

O espetáculo protético durou apenas alguns minutos e, ao contínuo, teve início a projeção de "Atualidade da Terra", que logo depois envolveu artistas sensíveis em novas dimensões: as desenhistas Giselda Leirner e Simone-Marie e o pintor Helenos. Em seus trabalhos vamos encontrar aspectos positivos ou não, prevalecendo de qualquer forma a preocupação maior de acertar ou criar, que não pode deixar de ser levada em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

GISELDA LEIRNER

Artista que não se modifica, estagna; e aquele que está sempre alterando seu comportamento de trabalho, perde-se.

Muito comum esse comentário na área das artes. Mas ambas as situações podem ser levadas em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

Mas ambas as situações podem ser levadas em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

A locução e radiodifusão, como no episódio da Luz Vermelha, de Rogério Szánieria: "Depois de 'O universo em seluloid', eles voltam a atacar". Mais diâmicos, mais jovens? E a seguir entra a música: "Nós somos jovens jovens". Não há nenhuma referência ao filme de Glauber Rocha "A Idade da Terra", mas há uma sentença para forçar o artista a tomar uma direção própria.

Tal colocação serve para justificar ou confirmar minha estranheza ou surpresa diante da obra agora geométrica que Giselda apresenta na "Globa". Não deixa de surpreender a sua decisão de abandonar o traço sensível de um desenho criado das melhores virtudes criativas por traços frios, sem medida. Na base do branco e vermelho.

Mas ninguém quer obstaculá-lo e traço escolhido, pelo menos de momento, com absoluta convicção. Talvez seja apenas respo merecido, uma "pausa" em seu trabalho, como ela afirma no catálogo. Uma incursão provisória pelas linhas retas

Artes/Crítica



Deste teor os desenhos geométricos de Giselda Leirner na "Globa".

Artistas sensíveis em novas dimensões

IVO ZANINI

Continua a sucessão de exposições na cidade. Três delas, entre outras, merecem os apontamentos que se seguem. Já que envolvem artistas sensíveis em novas dimensões: as desenhistas Giselda Leirner e Simone-Marie e o pintor Helenos. Em seus trabalhos vamos encontrar aspectos positivos ou não, prevalecendo de qualquer forma a preocupação maior de acertar ou criar, que não pode deixar de ser levada em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

Muito comum esse comentário na área das artes. Mas ambas as situações podem ser levadas em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

Mas ambas as situações podem ser levadas em conta, mesmo que eventualmente não tenham a concordância de todos.

O artista, holandês de origem e há alguns anos entre nós, já tendo dedicado bom tempo à cenografia teatral, lida com desenho e pintura há coisa de dez anos. Mas parece que só agora deslancha e, a considerar a prévia na "Jasmin", atirá resultados mais auspícios nos trabalhos que da sequência atualmente. Se persistir no caminho aberto.

HENOS

O que mais fica consignado em sua produção exposta na "Documenta" é a matéria rarefeita que aplica na maioria dos quadros expostos.

Helenos é um descrevedor de situações grotescas, com base na realidade, sem dúvida, mas que resultam em composições de cunho poético. Os seus personagens ou figurantes têm aquele exagero contrastante a exigir um olhar atento para acompanhar as desproporções de cabeças, braços e pernas das demais partes do corpo. Com tal colocado ele por certo pretende dar uma panorâmica da própria vida em si, repleta de contradições. A sua obra atual está bem. Mas o que apresentou há dois anos não pareceu melhor.

VENCIMENTO SINFÔNICO PARA A ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO FOI ANTECIPADO.

EXCEPCIONALMENTE, SÁBADO E DOMINGO. AS ASSINATURAS PARA SEGUNDA-FEIRA VALEM PARA DOMINGO. sábado, 16, e domingo, 17, às 21:00 horas

ORQUESTRA SINFÔNICA DO ESTADO DE SÃO PAULO

diretor artístico: Eleazar de Carvalho

STRAUSS - D. Juan Strauss - Burlesque em Ré Menor para Piano e Orquestra solista: Alexander Jenner

SCHUBERT - Sinfonia nº 5 em Si Bemol Maior regente: Volkner Wangerheim

TEATRO CULTURA ARTÍSTICA - Rua Nestor Pestana, 246. Ingressos avulsos: sábado, Cr\$ 15,00; domingo, Cr\$ 40,00 - à venda na bilheteria do teatro, das 13 às 17 horas.

SECRETARIA DA CULTURA, CIENCIA E TECNOLOGIA. Governo do Estado de São Paulo Desenvolvimento para Todos.

Frank Rosolino foi obscuro sócio por Raul de Souza, muito criativo nos Improvisos.